



## Ensino de Geografia e Trabalho de campo: explorando a Praia Vermelha e a trilha do Morro da Urca-RJ

**Richard Almir de Melo Faria<sup>1</sup>**  
SME Belford Roxo-RJ

### **Resumo:**

O ensino de geografia na educação básica é fundamental para o desenvolvimento de uma sociedade que possua um pensamento crítico e que seja capaz de compreender as dinâmicas espaciais nas quais está inserida, tal como, as transformações inerentes à relação sociedade-natureza, construídas a partir do cotidiano. De modo a corroborar com o ensino, defende-se a importância da utilização de trabalhos de campo como uma ferramenta e metodologia de ensino que esteja presente em diversos momentos da trajetória escolar dos estudantes na educação básica. Faz-se também a sugestão de realização de uma atividade de campo, tendo seu roteiro estruturado nas localidades da Praia Vermelha e Morro da Urca, localizado na zona sul da cidade do Rio de Janeiro, a fim de que se explore suas possibilidades de abordagens acerca da geologia, geomorfologia continental e costeira e da relação urbano-ambiental.

**Palavras-chave:** Ensino de Geografia; Trabalho de campo; Geografia Física; Praia Vermelha; Rio de Janeiro.

### **GEOGRAPHY TEACHING AND FIELDWORK: EXPLORING PRAIA VERMELHA AND MORRO DA URCA-RJ TRAIL**

#### **Abstract:**

The teaching of geography in basic education is essential for the development of a society that has a critical thinking and is able to understand the spatial dynamics in which it is inserted, as well as the inherent changes in the society-nature relationship, built from everyday life. In order to corroborate the teaching, it is advocated the importance of using fieldwork as a teaching tool and methodology that is present at various times during the school career of students in basic education. It is also suggested the realization of a field activity, having its script

---

<sup>1</sup> FFP-UERJ, Professor da SME Belford Roxo. E-mail: rfariageo@hotmail.com. ORCID:0000-0002-4776-2550

structured in the localities of Praia Vermelha and Morro da Urca, located in the southern zone of the city of Rio de Janeiro, in order to explore its possibilities of approaches about geology, continental and coastal geomorphology and the urban-environmental relationship.

**Keywords:** Teaching of Geography; Fieldwork; Physical Geography; Praia Vermelha; Rio de Janeiro.

## **ENSEÑANZA DE LA GEOGRAFÍA Y TRABAJO DE CAMPO: EXPLORACIÓN DEL SENDERO DE PRAIA VERMELHA Y MORRO DA URCA – RJ**

### **Resumen:**

La enseñanza de la geografía en la educación básica es esencial para el desarrollo de una sociedad que tenga un pensamiento crítico y sea capaz de comprender la dinámica espacial en la que está inserta, así como los cambios inherentes a la relación sociedad-naturaleza, contruidos a partir de la vida cotidiana. Para corroborar con la enseñanza, se defiende la importancia de utilizar el trabajo de campo como herramienta didáctica y metodología presente en diversos momentos de la trayectoria escolar de los alumnos de educación básica. Se sugiere también la realización de una actividad de campo, teniendo su guión estructurado en las localidades de Praia Vermelha y Morro da Urca, localizadas en la zona sur de la ciudad de Rio de Janeiro, a fin de explorar sus posibilidades de abordajes sobre geología, geomorfología continental y costera y la relación urbano-ambiental.

**Palabras clave:** Enseñanza de la Geografía; Trabajo de Campo; Geografía Física; Praia Vermelha; Rio de Janeiro.

## Introdução

A realização de trabalhos de campo e as discussões relacionadas à sua importância, classificando-o como uma ferramenta fundamental para o ensino de geografia, é a grande razão para a confecção do presente trabalho. Nele pretende-se costurar assuntos referentes ao papel do professor e ao ensino de geografia, propondo a defesa da realização de trabalhos de campo como uma metodologia presente na prática docente para o desenvolvimento de uma perspectiva geográfica dos fenômenos, discutindo as possibilidades que esse tipo de atividade possui assim como a contribuição que pode dar para o ensino de geografia nas diversas etapas da educação básica.

O ensino de geografia na escola é fundamental para a construção de uma sociedade que consiga ser capaz de ler o espaço que esta ao seu redor. A ciência geográfica possui uma ampla possibilidade de abordagens a partir de uma série de temáticas sobre o espaço geográfico, o que faz dela um saber de suma importância para a formação acadêmica e pessoal dos indivíduos. E são variadas as temáticas, como as que versam sobre as formações geológicas, geomorfológicas, dinâmicas hidrológicas e pedológicas, etc., e outras, como dinâmicas populacionais, sociais que se apresentaram num tempo pretérito, e se apresentam no dia a dia e que estão diretamente ligadas as inúmeras transformações da paisagem.

Para uma melhor compreensão das dinâmicas espaciais, a criação e desenvolvimento de instrumentos que auxiliem o ensino-aprendizagem deve ser um ponto central de atenção, assim como a busca por alternativas que fujam às metodologias tradicionais das escolas. A vivência dentro do ambiente escolar é muito importante para que aluno consiga desenvolver seus estudos, porém, a inserção de instrumentos alternativos à sala de aula, como as atividades que ultrapassem os muros da escola, são de suma importância e podem ser bastante produtivos.

A realização de trabalhos de campo configura possibilidades que devem ser mais exploradas no que se refere ao ensino e ao desenvolvimento

discente. Este tipo de atividade possibilita um contato mais próximo com os mais ímpares objetos de estudos abordados em sala de aula. Ao sair do prédio escolar, o aluno entra em contato com uma nova metodologia de ensino, que o possibilita uma experiência única de não só ter acesso ao conhecimento e conteúdos referentes a uma determinada temática, mas também de acessar o referido objeto de estudo, assim como a possibilidade de interagir com o mesmo.

A realização deste trabalho fundamenta-se na defesa da utilização de ferramentas e instrumentos que possibilitem novas práticas pedagógicas no que diz respeito o ensino de geografia nas escolas, que poderá contribuir e auxiliar no fazer do professor. Traz consigo uma proposta de realização de trabalho de campo, assim como suas etapas de planejamento e por fim expõe os resultados da realização da atividade proposta, que poderá servir como ponto de partida para ampliar os debates sobre esse tema, assim como para que se realizem novas propostas de trabalho de campo. Para isso é levado em consideração às respostas que os próprios alunos deram sobre esta experiência de prática de ensino.

A ideia central é que possa se proporcionar aos alunos um momento de reflexão sobre os conteúdos explorados durante a construção do conhecimento nas aulas, de leva-los a campo para que possa de alguma forma vivenciar o conteúdo, ou mesmo deixa-los livres, longe das paredes da sala de aula para que possam ver na prática os mais diversos objetos. Construir situações de aprendizagem para além do ambiente escolar pode proporcionar uma maior dimensão daquilo que é explicado durante as aulas, de forma a gerar um maior interesse na pesquisa e investigação sobre os conteúdos, e, por conseguinte um maior comprometimento com a aprendizagem.

### **Trabalho de campo e ensino de Geografia**

A realização de atividades de campo são fundamentais tanto para a pesquisa quanto para o ensino, em especial no que se refere aos conteúdos de geografia. No entanto deve-se buscar fazer reflexões sobre essa temática,

tanto no que diz respeito a sua escassa realização durante as diversas etapas que compõem a trajetória do ensino básico, como para as possibilidades que esse tipo de trabalho pode trazer. Além disso, é preciso compreender que é necessário buscar formas de realização para como essas atividades podem e devem ser estruturadas, assim como sua proposta metodológica e os objetivos que pretendem ser alcançados através em sua utilização.

A formação de professores de geografia esta diretamente ligada à realização de atividades de campo. Lacoste (1977) chama a atenção para a realização do trabalho de campo, que ainda nessa fase acadêmica, pode fugir do seu real propósito: segundo ele, pode funcionar como uma verdadeira máquina na fabricação dos futuros professores, o que consiste em ensiná-los a reproduzir um determinado discurso, e não a capacitá-los a extrair do concreto o abstrato, comprometendo diretamente a produção do conhecimento com seus futuros alunos.

Não há uma regra pré-estabelecida para como deve se conduzir a realização de um trabalho de campo. No entanto um bom referencial é o que se encontra no trabalho desenvolvido por Rodrigues e Otaviano (2001) onde se busca apresentar orientações pedagógicas relevantes para a realização de trabalhos de campo. As orientações são fornecidas através de uma espécie de diretrizes, direcionado para qualquer segmento do ensino, onde se destaca três etapas imprescindíveis, no que diz respeito à preparação, realização e os resultados.

A primeira etapa sugerida é a preparação, que consiste em um momento fundamental para a realização de qualquer atividade de campo. É nessa etapa que “pode ficar decidido o sucesso ou insucesso de uma saída da escola” (RODRIGUES & OTAVIANO, 2001, p.38). Um bom planejamento faz com que a atividade possa ocorrer de forma a alcançar objetivos que são propostos para a realização do trabalho. Traçar o objetivo deve ser uma tarefa que leve em consideração “o grau de ensino, a faixa etária, interesses e possibilidades dos alunos, o momento do processo de aprendizagem em que o

trabalho de campo se insere e ainda o caráter da própria visita” (RODRIGUES & OTAVIANO, 2001, p.38).

Nesse sentido – de valorizar a realização das atividades de campo – pode-se destacar que “o trabalho de campo não deve se reduzir ao mundo do empírico, mas ser um momento de articulação teoria-prática” (Alentejano & Rocha-Leão, 2006, p.56), e ainda de acordo com Alentejano e Rocha-Leão (2006) o trabalho de campo representa uma atividade de construção do conhecimento que deve estar articulada a teoria, pois se não houver essa articulação corre o risco de se tornar desguarnecido de conteúdo, impossibilitando que a atividade possa contribuir na revelação e compreensão dos fenômenos geográficos.

Sobre essa articulação, Lacoste (1977) defende que para que não seja apenas empírico, o trabalho de campo precisa estar articulado a toda uma formação teórica, e que fazê-la é algo que deve se tornar obrigatório. No que diz respeito à integração entre teoria e método, uma das propostas contidas no presente trabalho busca vincular o ensino de geografia como um mediador entre o senso comum e o pensamento crítico, através de uma atividade de campo, devido a sua potencialidade considerável em auxiliar na produção do conhecimento e na geração de um novo olhar para as relações entre sociedade e natureza, existentes e experimentadas no cotidiano. Sendo possível explorar diversos saberes da geologia, geomorfologia, das dinâmicas da paisagem, que dialogam diretamente com a construção do espaço geográfico.

Ainda no que diz respeito ao planejamento destaca-se a escolha do local, onde será a área de estudo. É fundamental que a escolha leve em consideração a área que possua uma maior relação com os conteúdos trabalhados com os alunos. Assim como reunir informações sobre a área em questão, para que os alunos tenham um contato prévio com o que irão encontrar. Os professores devem fornecer aos alunos materiais que contenham informações sobre o lugar a ser visitado, como folhetos instrutivos, assim como mapas ou cartas do local que será visitado.

Durante a realização de um trabalho de campo deve-se buscar uma forma de ampliar as possibilidades de investigação e pesquisa sobre uma determinada temática, se utilizando de um conhecimento geográfico, a fim de que o campo possa ser bastante proveitoso. Esse tipo de atividade permite além de pesquisar, responder a questões que possam ficar abertas. Buscar respostas para dúvidas que tornem nossa relação com o espaço vivido uma experiência mais lúdica. Conhecer o espaço vivido é uma forma de nos conhecermos melhor.

O trabalho de campo como afirma Rodrigues e Otaviano (2001) é capaz de proporcionar aos alunos algo que vai além do conhecimento e seu aprofundamento, mas que a realização dessas atividades leva ainda ao desenvolvimento e aprimoramento da própria personalidade do aluno, no que diz respeito aos seus próprios hábitos, no tange o relacionamento com o espaço vivido.

A ida a campo trata-se de um momento onde é possível visualizar o que foi discutido durante as aulas, dentro de sala de aula. É o momento em que toda a teoria apresentada ganha uma nova dimensão para os alunos, que passam a ver bem de perto tudo àquilo que aprenderam. Consiste em um momento fundamental no que diz respeito ao ensino e a aprendizagem. É por isso que se torna fundamental um planejamento sólido, para que se aproveite ao máximo das atividades, valorizando sua realização; que seja possível explorar ao máximo as potencialidades do local escolhido para o campo como uma forma de tornar inesquecível aquele momento.

É necessário que o trabalho de campo consiga estar bem articulado para além do nível da observação da paisagem. É importante que sua realização permita uma ampla compreensão das dinâmicas espaciais locais, onde “devemos compreender o trabalho de campo como uma ferramenta a serviço dos geógrafos, desde que articulada com a teoria, capaz de possibilitar a conexão da empiria com a teoria” (ALENTEJANO & ROCHA-LEÃO, 2006, p.58). Essa articulação, é capaz de criar uma atmosfera onde a realização desses trabalhos passe a ter um novo papel, ganhando credibilidade, e

tornando-se uma ferramenta mais presente no fazer do professor e no cotidiano escolar, o que esta na contramão de uma possível banalização ou desvalorização no que diz respeito sua execução. O trabalho de campo consiste em uma atividade imprescindível na formação escolar, vindo de encontro ao desenvolvimento dos alunos e na construção de um conhecimento mais sólido.

Defender a utilização das atividades de campo como ferramenta de ensino não corresponde à sobreposição dessa metodologia sobre outras, e para isso Serpa (2006) ressalta a importância que possui o trabalho de campo para a Geografia, levantando que sua realização não consiste em defender um possível retorno ao empirismo, outrora descolado das teorias, mas que todo esse arcabouço, formado por teorias, conceitos assim como o procedimento metodológico precisam estar interligados, a partir de uma determinada coerência para o desenvolvimento dos trabalhos e da pesquisa. Dessa forma a realização do trabalho de campo deve servir como um instrumento capaz de tornar mais próximo e integrado as teorias geográficas com a vivência dentro do espaço cotidiano.

O planejamento é parte fundamental, pois é necessário organizar a atividade, a fim de que ela atinja seus objetivos. Pensando nisso “a elaboração de roteiros de campo com a preocupação de evidenciar os fenômenos sociais e naturais (e principalmente a interação entre eles) que modelam a superfície terrestre” (ALENTEJANO & ROCHA-LEÃO, 2006) possibilitariam uma percepção espacial mais integrada, sendo capaz de trazer uma nova forma de se enxergar a geografia, valorizando o saber geográfico, e suas funções e potencialidades enquanto ciência.

Outra preocupação no que diz respeito ao planejamento é o calendário. A realização do trabalho de campo deve considerar o melhor momento dentro do próprio calendário da escola, e do estudo de um determinado tema do planejamento anual. O calendário deve considerar o tempo necessário para organizar com a coordenação da escola os formulários com autorização dos responsáveis para que os alunos façam a atividade, assim como toda a



logística de deslocamento que será executada no dia. Ainda a respeito da programação deve-se levar em consideração eventuais formulários de autorização, ou mesmo agendamentos, quando no caso de visitas a museus ou locais que esse se faz necessário.

No cotidiano escolar os alunos possuem contato com diversos conceitos relacionados às dinâmicas espaciais da natureza, e por muitas vezes experimentam esses conceitos e teorias no seu dia a dia, no ir e vir da escola, por exemplo. Como “a natureza está no homem e o homem está na natureza” (MOREIRA, 1991, p.81), a realização das atividades de campo pode fazer despertar uma nova perspectiva de análise para os alunos, uma nova forma de experimentar e analisar os fenômenos espaciais presentes no seu cotidiano, fazendo ser possível usar na prática os conhecimentos adquiridos durante sua trajetória acadêmica.

No que diz respeito ao recorte espacial de abrangência da realização do trabalho de campo, por muitas vezes o mesmo será realizado fora do ambiente ao qual o aluno está habituado a frequentar, mas é preciso tentar buscar formas que o faça criar uma identificação com o espaço em que este inserido, na perspectiva de que o mesmo possa compreender que muitas das dinâmicas ali encontradas podem ser compreendidas e capazes de ajuda-lo a entender outros processos que ocorrem em outras áreas, inclusive a de seu cotidiano. Lacoste (1977) afirma que o conhecimento espacial esta para além de compreender os problemas do cenário local, mas que está vinculado a capacidade de conseguir executar articulações entre os fenômenos espaciais que ocorrem sobre áreas bem mais amplas. Despertar essa sensibilidade é fundamental para que a construção de um dado conhecimento não fique limitada apenas ao recorte de uma determinada área, ou a um dado momento, mas sim que o aluno possa ser capaz de levar consigo o conhecimento adquirido em sua trajetória, o auxiliando em todas as análises que virão a ser feitas.

O trabalho de campo consiste em um processo de investigação onde se estabelece uma relação entre o sujeito investigador com o objeto de

pesquisa explorado durante a atividade. O trabalho de campo trata-se da investigação do espaço em que vivemos, no entanto o que se mostra como o verdadeiro desafio é desenvolver uma capacidade de decifrar e desvendar os elementos que são encontrados, onde sejamos capazes de compreender as complexidades existentes nas relações espaciais.

Por conseguinte, diversas dinâmicas podem ser observadas no espaço geográfico contemporâneo, mas cabe ressaltar que os elementos encontrados durante a atividade de campo precisam ser analisados de acordo com sua própria natureza, assim como escala de abrangência, visto que na observação dos fenômenos geomorfológicos, Alentejano e Rocha-Leão (2006) defendem que para sua compreensão, e de como operam na superfície terrestre é necessário que haja uma articulação entre as escalas de análise, colocando como algo fundamental, visto que esses processos atuantes se articulam em distintas escalas tanto no que diz respeito a sua abrangência espacial como também a temporal.

Existem elementos que podem ser observados prontos, ou mesmo ocorrendo durante a atividade. Porém, existem outros que para se compreender é necessário remontar diversos processos, em uma escala temporal e espacial maior, e que combinados geram o resultado encontrado e experimentado durante o campo. Esse ponto é fundamental para uma melhor compreensão e aproveitamento dos trabalhos de campo. Visto que o trabalho de campo deve funcionar como uma ferramenta a serviço dos geógrafos, a serviço da formação de um novo olhar para as espacialidades e através da articulação entre a teoria com a empiria, pode-se obter resultados favoráveis, no que tange o desenvolvimento do ensino de geografia nas escolas.

### **Uma proposta de trabalho de campo: explorando a Praia Vermelha e a trilha do Morro da Urca-RJ**

O trabalho de campo ocorreu no dia 24 de novembro, um sábado, e contou com a participação de 16 alunos, de um total de 23, da turma de 1º ano do Ensino Médio da Sociedade Educacional Silva Aguiar, localizada no bairro do Bom Pastor, Belford Roxo, região metropolitana do Rio de Janeiro. Os

alunos que não participaram alegaram questões de saúde ou compromissos familiares. Alguns deles esboçaram real descontentamento em não poder participar do trabalho. A presente proposta consistiu na realização de uma trilha, iniciando-se através de uma caminhada pela Praia vermelha, seguindo pela subida da trilha do Morro da Urca e tendo como culminância a chegada ao Pão de Açúcar. A realização desta, objetiva a possibilidade de análise espacial através da paisagem local, para uma melhor compreensão dos aspectos referentes a geomorfologia continental e costeira, geologia e pedologia. Assim como a relação sociedade e natureza existentes no local.

A atividade buscou utilizar o trabalho de campo como uma ferramenta capaz de estender a teoria utilizada em sala de aula com a experiência de uma atividade de campo, de forma a articular teoria e método. A partir dessa integração torna-se possível ao aluno um novo olhar sobre os tensionamentos existentes na relação urbano-ambiental, como também as transformações espaciais. Acredita-se que através dessa atividade os discentes possam se aproximar dos objetos de estudo da geografia. A idealização desse trabalho de campo, para a aproximação dos alunos com os conteúdos possuem um elevado potencial de construção do conhecimento.

A elaboração do roteiro levou em consideração os conteúdos e abordagens teóricas explorados com os alunos durante as aulas, de forma a associar as potencialidades encontradas durante a realização do trajeto. Foi necessária uma ida prévia ao local de realização do trabalho de campo para uma melhor definição de cada um dos pontos de parada. Como se trata de uma atividade de um dia, optou-se pela não extensão desta atividade de campo em muitos pontos, tanto no que diz respeito à questão do tempo de realização da atividade, como também à possibilidade de explorar bem as abordagens a serem feitas em cada um dos pontos de observação e conversa.

Levou-se em consideração os materiais didáticos disponíveis e utilizados pelos alunos. A turma faz uso do livro de Geografia do Ensino Médio da editora SM, da coleção ser protagonista. O trabalho de campo foi realizado durante o 4º bimestre letivo do ano de 2018, e durante esse período letivo os

alunos exploraram conteúdos da unidade 3 deste livro. Que consistiu em quatro capítulos, intitulados: Capítulo 10: Estrutura geológica da Terra, abordando assuntos como a estrutura interna da Terra, tectonismo, rochas e minerais; Capítulo 11: Relevo, explorando a origem do relevo e suas formas, assim como os processos atuantes e a classificação do relevo brasileiro; Capítulo 12: Solos, com a formação dos solos e a degradação que tem sofrido; e Capítulo 13: Hidrologia e hidrografia, abordando o ciclo hidrológico, as bacias hidrográficas e a questão da água no Brasil e no mundo.

O trabalho de campo contou com um roteiro dividido em três pontos. Em cada um dos pontos foram expostas abordagens teóricas que poderiam ser visualizadas pelos alunos. Além dessa exposição, buscou-se uma ativa participação dos alunos no que diz respeito a questionamentos, indagações ou mesmo qualquer tipo de comentário. De forma que ainda que haja um roteiro, é imprevisível dizer o que pode acontecer em cada uma delas. Cada uma dessas paradas teve uma duração aproximada de 15 a 20 minutos. Onde os alunos puderam registrar suas observações e caso fazer fotografias.

A fim de buscar compreender o como a realização do trabalho contribuiu para a formação acadêmica e pessoal dos alunos, estruturou-se um questionário avaliativo sobre a atividade, contando com um total de cinco perguntas. Segue abaixo a interpretação e os resultados das respostas dispostas no mesmo. Cabe destacar que o questionário de campo foi respondido uma semana após a realização do trabalho de campo, não teve fins avaliativos para notas escolares, assim como foi orientado aos alunos a responderem com sinceridade e clareza a todas as perguntas, ressaltando a importância que as respostas teriam para que a atividade fosse aprimorada em futuras realizações. Deve ser levado em consideração que todos os alunos que participaram o responderam, sendo assim, foi feita a avaliação dos 16 questionários.

*I. O que te motivou a participar do trabalho de campo?*

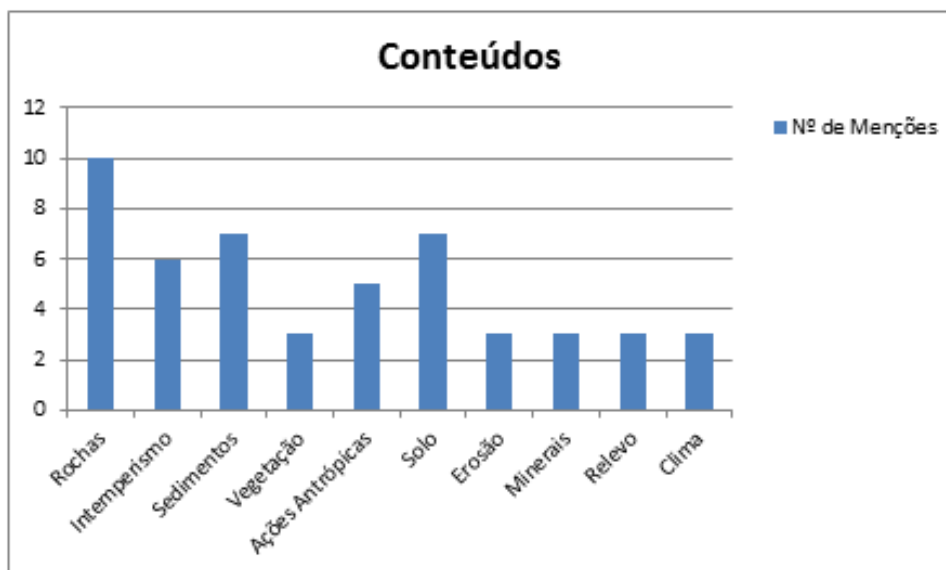
É possível constatar a partir das respostas obtidas que conhecer o lugar onde foi realizada a atividade de campo foi a principal motivação dos alunos, um total de oito alunos a manifestaram. No entanto também foi apontado que o desenvolvimento dos conteúdos trabalhados durante as aulas foi uma motivação de destaque, visto que seis alunos fizeram essa afirmação. Dois alunos deram motivações que fogem das duas respostas apresentadas anteriormente, na qual afirmam que foram a atividade para ter um momento com os amigos de turma.

Visto que não tenha sido a maioria ao afirmar que a motivação foi à extensão dos conteúdos trabalhados durante as aulas em um trabalho de campo, mostra-se necessário um maior empenho em trabalhar mais a ideia da importância do trabalho de campo para a formação acadêmica. Ainda que, inevitavelmente, ocorra momentos de socialização durante a atividade, onde não há mal algum nisso, é preciso que se construa um pensamento onde o aluno vá com uma nova mentalidade, voltado para o aproveitamento e desenvolvimento das teorias, na realização desse tipo de trabalho. É possível afirmar que para muitos foi difícil dissociar “passeios” escolares da atividade proposta para eles, o que está ligado ao déficit no que diz respeito a realização de trabalhos de campo.

*II. Durante o campo foi possível relacionar os conteúdos da sala de aula com os pontos do roteiro? Se sim, qual (is) conteúdos?*

Todos os alunos declararam que foi possível relacionar os conteúdos das aulas de geografia com o roteiro da atividade realizada no trabalho de campo. Na relação dos conteúdos destacados nos questionários, levou-se em consideração o número de menções totais que um determinado assunto recebeu, de acordo com as respostas dos dezesseis questionários.

**Gráfico 1. Conteúdos citados nos relatórios de campo**



Fonte: Autor (2019).

É possível identificar a partir da leitura do gráfico que dez assuntos apareceram de forma predominante nas respostas dos alunos. Os quatro mais citados foram: Rochas, sedimentos, solo e intemperismo. O fato de todos os alunos terem visto uma relação entre os conteúdos trabalhados em aula com a atividade de campo nos permite afirmar que o trabalho de campo alcançou um resultado positivo. Além disso, a idealização do roteiro foi capaz de explorar as potencialidades locais de forma a criar uma inter-relação com as aulas. Ocorrendo assim uma considerável articulação entre teoria e prática.

*III. O que mais chamou atenção durante a realização da atividade de campo?*

Diversos foram os pontos que chamaram a atenção dos alunos durante a realização da atividade, pode-se destacar que dentre elas o contato com a natureza e a biodiversidade local foram marcantes. Além disso, destacou-se a forma com que as pessoas se preocupavam com a natureza na realização do percurso da trilha, assim como a própria intervenção do homem na abertura e construção da trilha. Outro ponto de destaque foi a relação que pôde ser feita

com os conteúdos trabalhados em aula durante a execução do roteiro proposto.

A vista panorâmica também ganhou destaque, os alunos relataram que a paisagem impressionou com tudo aquilo o que pode ser observado, como o aeroporto Santos Dummont, a ponte Rio x Niterói, a própria Baía de Guanabara, assim como a própria vista a partir de uma nova perspectiva. Os alunos relataram também as diferenças de infraestrutura da parte da cidade observada que se comparada a outras cidades do Estado apresentam uma diferença considerável.

*IV. Como você avalia a contribuição do trabalho de campo para a sua formação acadêmica?*

Tratou-se de uma pergunta objetiva que contou com quatro opções: muito boa, boa, não contribuiu e ruim. Dentre as respostas obtidas é possível afirmar o predomínio das opções boa e muito boa, com sete e oito respostas cada, respectivamente. É muito satisfatório reconhecer o predomínio de respostas positivas sobre a realização da atividade. Isso demonstra que os alunos reconheceram que a realização de uma atividade de campo consiste em uma experiência capaz de contribuir com a formação e construção de um conhecimento mais sólido.

Foi sugerido nesta pergunta que os alunos fizessem um comentário sobre as possíveis contribuições sobre a experiência. Ao analisar as respostas é possível destacar tanto a obtenção de conhecimento, quanto o fato de terem conhecido um lugar novo, no entanto não tão afastado do objetivo central da realização da atividade, pois além de ter sido colocado como um momento de divertimento foi posto também como um momento de lazer integrado com o conhecimento trabalhado dentro de sala de aula. Assim como foi possível ver os conteúdos de sala de aula com uma outra perspectiva, através de uma abordagem que lhes permitiu entender os conteúdos na prática.

*V. Informe suas críticas e sugestões para realizações futuras dessa atividade de campo.*

Busca-se com essa pergunta uma resposta dos alunos para com a realização do presente trabalho de campo, a fim de que se destaquem os pontos que segundo a visão dos mesmos podem ser alterados a fim de que a atividade torne-se melhor sucedida. Os resultados obtidos a partir das respostas dessa pergunta geram um grande contraste no que diz respeito aos alunos que apesar de reconhecerem a importância acadêmica e a contribuição na construção do conhecimento que essas atividades possuem, muitos continuam a sugerir que sejam feitos mais passeios assim.

No entanto é possível destacar que os alunos reconheceram o aprendizado que pode ser obtido na realização de atividades fora da sala de aula, reforçado no desejo que a escola e os professores deveriam fazer mais atividades desse tipo, sugerindo inclusive com um roteiro mais extenso, assim como uma atividade mais longa, a realização de atividades que explorem outras áreas, onde seja possível haver esse tipo de contribuição para a formação escolar.

### **Considerações finais**

Com base em tudo que foi apresentado e exposto, é possível afirmar que a Geografia é uma ciência de fundamental importância para a construção de interpretações espacializadas dos fenômenos, e visto devido a tal relevância, é essencial que a aplicação da ciência geográfica seja feita dentro do ambiente escolar de forma a proporcionar aos alunos a capacidade de melhor compreender o espaço vivido, utilizando esse conhecimento para além da escola, onde, dessa forma se construa a cidadania a partir da Geografia.

Para que essa realidade se construa é importante que se utilize de ferramentas dispostas a melhorar e potencializar o ensino de Geografia nas escolas. Para tal, o trabalho de campo se coloca como uma atividade fundamental para que se alcance esse objetivo. Visto que possui uma ampla capacidade de despertar no aluno uma nova perspectiva de aprendizado, tornando o acesso ao conhecimento mais atrativo, e podendo gerar alunos mais comprometidos com o estudo.



A realização de trabalhos de campo, como foi apresentado anteriormente, é capaz de trazer bons resultados, no entanto para que assim seja é necessário tomar alguns cuidados, como toda a preparação exigida para a realização desse tipo de atividade. Além disso, é importante que se debata mais sobre esse assunto, para que a realização desse tipo de atividade passe a ocorrer cotidianamente nas escolas brasileiras.

## Referências

ABREU, M. de A. 2010. Geografia Histórica do Rio de Janeiro (1502-1700). Vol.1-2, Andrea Jakobsson Estúdio & Prefeitura do Município do Rio de Janeiro. 420p.

AB'SABER, Aziz Nacib. Fundamentos da Geomorfologia Costeira do Brasil Atlântico Inter e Subtropical. Revista Brasileira de Geomorfologia, 27-43, Volume1, Nº1, 2000.

ALENTEJANO, Paulo R. R. e ROCHA-LEÃO, Otávio M. Trabalho de Campo: uma ferramenta essencial para os geógrafos ou um instrumento banalizado. Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, nº 84, p. 51-67. 2006.

ALMEIDA, Rosângela Doin de. A propósito da questão teórico-metodológica sobre o ensino de geografia. Revista Terra Livre (AGB), São Paulo, nº8, p.83-90, 1991.

CALLAI, Helena Copetti. A Geografia no Ensino Médio. Revista Terra Livre (AGB), São Paulo, nº.14, p 60-99, 1999.

CALLAI, Helena Copetii. A Geografia e a escola: muda a geografia? Muda o ensino? Terra Livre, São Paulo, nº 16, página 133-152. 1º semestre, 2001.

CARAUTA, Jorge Pedro Pereira e OLIVEIRA, Rogério Ribeiro de. Plantas vasculares dos morros da Urca, Pão de Açúcar e Cara de Cão. Rio de Janeiro, 36(59): 13-24, abr./jun, 1984.

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. A Formação de professores e o ensino de geografia. Revista Terra Livre (AGB) nº14, p.51-59, 1999.

CHAGAS, M. & Chagas, V. Memória Rupestre ou do Caminho no Meio da Pedra. *Revista Museu*. 2004. Disponível: <http://www.revistamuseu.com.br/artigos/artasp?id=5295>. Acesso em março de 2018.

LACOSTE, Yves. A pesquisa e o trabalho de campo: um problema político para os pesquisadores, estudantes e cidadãos. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, Nº84, p.77-92. 2006.

LACOSTE, Yves. A geografia – Isso serve em primeiro lugar, para fazer a guerra/ Yves Lacoste: Tradução Maria Cecília França. – Campinas, SP: Papyrus, 1977.

MOREIRA, Ruy. O que é geografia? São Paulo 11ª edição, Brasiliense, 1991.

POPP, José Henrique, 1939. *Geologia Geral* / José Henrique Popp. – 3 ed. – Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos, Editora S.A., 1984.

RESENDE, Márcia Spyer. *A Geografia do aluno trabalhador*. Caminhos para uma Prática de Ensino. São Paulo: Loyola, 1986.

RODRIGUES, Antonia Brito e OTAVIANO, Claudia Arcanjo. Guia Metodológico de Trabalho de Campo em Geografia. *Geografia*, Londrina, v.10, p.35-43, jan/jun. 2001.

SANTOS, R. J. Pesquisa empírica e trabalho de campo: algumas questões acerca do conhecimento geográfico. *Sociedade & Natureza*, v.11, n.21/22, 10 Dez. 2014.

SERPA, Ângelo. O trabalho de campo em geografia: Uma abordagem teórico-metodológica. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, nº84, p. 7-24. 2006.

TOMITA, L. M. S. Trabalho de campo como um instrumento de ensino em geografia. *Geografia*, Londrina, v.8, n.1, p.13-15, 1999.